



ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Deliberação

ERC/2023/79 (CONTJOR-TV)

Participações sobre a reportagem “Guiné-Bissau: o longo caminho para a paz”, transmitida pela CNN Portugal, no dia 20 de julho de 2022

Lisboa
15 de fevereiro de 2023

Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Deliberação ERC/2023/79 (CONTJOR-TV)

Assunto: Participações sobre a reportagem “Guiné-Bissau: o longo caminho para a paz”, transmitida pela CNN Portugal, no dia 20 de julho de 2022

I. Participação

1. Deram entrada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social (doravante, ERC), duas participações sobre a reportagem “Guiné-Bissau: o longo caminho para a paz”, transmitida pela CNN Portugal, no dia 20 de julho de 2022.
2. Um dos participantes destaca o facto de a jornalista ter sido convidada para se deslocar à Guiné-Bissau a convite e expensas do Governo daquele país.
3. Num segundo momento, considera que a reportagem tem «salpicos de visão (neo) colonial [...]; os lugares-comuns de caracterização dos povos africanos habituados a sofrer [...]; a teatralidade e a total impertinência jornalística de certos aspectos da peça [...]; os pseudo estadistas guineenses com falas pomposas [...]; até ao paternalismo condescendente na pessoa do Embaixador de Portugal, [...], relativizando a violência na Guiné-Bissau.»
4. Realçando que «em nenhum momento há um contraditório como obriga o código deontológico jornalístico», o participante contesta as declarações feitas na reportagem por membros do Governo guineense, concluindo: «Normalmente os regimes opressores dos seus povos, as classes dominantes e as burocracias de rapina da coisa pública, amam o termo “estabilidade”: estabilidade na opressão, estabilidade na miséria material, estabilidade para a exploração dos recursos naturais nacionais por interesses estrangeiros...» Acrescenta que o facto de ser exaltada a “tranquilidade” na capital, nomeadamente pelo Embaixador português na Guiné-Bissau, «também concorre para a higienização da atual situação política fazendo uso da anacrónica “paz social invejável” guineense até, pasme-se(!), comparada com outros países do hemisfério norte...».

5. Destaca que esta reportagem «surge 2 meses depois do trabalho documentado da jornalista Conceição Queiroz, intitulado “União e Luta”, sobre o Estado de terror na Guiné-Bissau [...]» Questiona: «Dois meses depois, o que leva a mesma direção de informação a exibir a reportagem de Catarina Canelas (sem contraditório, uma vez que só se ouve a voz do Governo) contrariando factos documentados no mesmo canal, pela jornalista Conceição Queiroz?»

6. Uma outra participação destaca também as diferentes abordagens das duas reportagens, transmitidas com 2 meses de distância, considerando que a primeira reportagem «pôs a nu o estado de terror que se vive na Guiné-Bissau onde pessoas são raptadas à luz do dia limitando as autoridades em dizer que são atos isolados», e que garantiu o contraditório. Já a reportagem "Guiné-Bissau: O Longo Caminho para a Paz" limita-se, de acordo com o participante, «a ouvir só as autoridades do país sem qualquer tipo de contraditório, sem ouvir os Partidos Políticos, Organizações da Sociedade Civil, Organizações de Defesa dos Direitos Humanos. Ou seja, a preocupação das autoridades locais era a de tentar limpar a imagem do Governo [...]».

II. Posição da Denunciada

7. Notificada a pronunciar-se, a Direção de Informação da CNN Portugal destaca que na reportagem «são entrevistadas pessoas comuns, um diplomata português e membros do Governo ou com funções no Governo da Guiné-Bissau. As pessoas falam com liberdade acerca das perguntas que são colocadas e a repórter faz a sua própria leitura e avaliação da situação com que foi confrontada no local.»

8. A CNN Portugal «enjeita portanto as acusações de “visão colonial”, racismo ou teatralidade», sendo certo que não é «responsável pelo teor das respostas veiculadas pelos entrevistados, fossem eles membros do Governo da Guiné-Bissau, responsáveis diplomáticos portugueses ou membros da população em geral – e, na verdade, são essas respostas que merecem reparos por parte do queixoso, pela simples razão de que, instados, expressaram esses entrevistados a sua própria opinião [...]».

9. A circunstância de ter havido no passado reportagem com outros ângulos de análise sobre a sociedade guineense é demonstrativa da equidistância e isenção da CNN Portugal e «não a inibe de continuar a oferecer retratos dessa sociedade, com outros enfoques, perspetivas e modos de tratamento dos temas. A CNN Portugal não está comprometida com qualquer pré-compreensão da situação social e política na Guiné-Bissau e oferece pontos de vista divergentes sobre a mesma.»

III. Diligências adicionais

10. A CNN Portugal requereu que fosse ouvida a jornalista responsável pela condução da reportagem em causa, Catarina Canelas.

11. A jornalista foi ouvida no dia 12 de dezembro de 2022, nas instalações da ERC, tendo prestados, em síntese, os seguintes esclarecimentos:

- a) «Esta reportagem não é uma avaliação política do país. É um retrato social de uma nação que tem sido adiada pelos sucessivos golpes de Estado, que todos conhecemos. Eu e o meu colega lá estávamos a assistir a um país que quer mudar esta instabilidade e conseguir viver em paz.»
- b) «Não há contraditório aqui, nem teria que haver. Não há nenhuma acusação a pessoas concretas ou as instituições [...]. Ninguém de uma forma direta é visado na reportagem e nos depoimentos gravados e exibidos na CNN. A única acusação que existe, por parte do poder político, e de uma forma vaga, e sem nomes, é contra quem tentou o golpe de estado. Ora, estarão estes dois queixosos [...] a assumir responsabilidade sobre este ato criminoso, com consequências judiciais, por terem matado 13 pessoas? Se a ERC levar isto à letra, cada vez que Zelensky acusar os interesses de Moscovo [...] podemos ser acusados por falta de contraditório por não ouvir Putin?»
- c) «Ainda assim, eu tive o cuidado de ouvir a sociedade civil guineense. Ouvi uma vítima do golpe de Estado, ouvi comerciantes, vendedores, empresários, igreja católica e a

- principal embaixada do país – que é a nossa, a portuguesa. Basicamente, todos depoimentos falam de um país que vive dias de normalidade [...].»
- d) Questionada sobre a eventual falta de equilíbrio da reportagem, por todos os testemunhos darem uma visão coincidente – e positiva – do país, refere que uma das pessoas ouvida, vítima do golpe de Estado, afirma que há falta de ajuda do Governo. Uma outra fonte, o esteticista, diz que foi torturado e gozado por ter uma profissão associada ao mundo feminino. O seu próprio relato destaca as dificuldades do país.
- e) A jornalista refere ainda que as crianças que filmou numa estrada fora de Bissau, logo no início da reportagem, refletem a fragilidade do país. «Tentei ter o máximo de pluralidade que encontrei lá.» «As imagens não mentem» e refletem «o ambiente de segurança, paz e relativa estabilidade de Bissau.»
- f) A jornalista realça que a Direção de Informação informou-a que tinha um convite para ir à Guiné-Bissau, assim como outros órgãos de comunicação social. Assegura: «desde que lá cheguei, não tive qualquer tentativa sequer de ser direcionada fosse para onde fosse. Portanto, tive sempre as portas abertas. Pedi obviamente para entrar no Palácio do Governo, pois queria perceber o que tinha acontecido [...]. A partir daí [...] andei sozinha com o repórter de imagem. O Governo nunca se meteu, nunca perguntou nada, nunca quiseram saber [...].» Destaca ainda o facto de o pivô que lançou a reportagem ter deixado claro que viajaram a convite do Governo guineense: «fizemos tudo às claras, precisamente para dizermos que não tínhamos nada a esconder, fomos em liberdade total.» Reitera que não foi manietada e recolheu os testemunhos sem condicionamentos, à semelhança dos vários jornalistas que viajaram a convite do Governo da Guiné-Bissau e fizeram a reportagem que entenderam. «Todas as reportagens são diferentes, pois cada um andou por si.»

IV. Análise e fundamentação

a) Descrição da reportagem

12. A reportagem foi exibida na CNN Portugal, no dia 20 de julho. Pelas 21h 44m, após uma peça sobre as eleições em Angola, o pivô refere: «E olhamos, como disse também, para outro país africano. Na Guiné-Bissau, o país espera pelas eleições legislativas antecipadas marcadas para dezembro. Nas ruas da capital o povo aguarda pacientemente por dias melhores e pela manutenção da paz. Depois da última tentativa de golpe de Estado, no início deste ano, o sentimento é agora de mais acalmia e aparente estabilidade. A CNN esteve na Guiné-Bissau, refira-se, a convite do Governo. A reportagem é da jornalista Catarina Canelas e João Franco, com edição e imagem de Carlota Paim.»

13. A reportagem inicia-se com imagens de uma estrada fora de Bissau que exibem a interação da jornalista com crianças na berma.

14. De seguida, surgem imagens de Bissau, e em *off* a jornalista relata: «Bissau, meio da manhã. A Avenida do Aeroporto à cidade fervilha. É aqui o coração do país que bate forte, após meses e meses de pandemia. A Guiné, apesar das crises institucionais, na vida das pessoas está longe de estar ligada às máquinas dos cuidados intensivos.»

15. Para ilustrar o dinamismo da cidade, é filmado o interior de uma loja de um esteticista. O seu dono – identificado como “Camilo Dju. Empresário” – fala sobre a dificuldade de ter uma profissão associada ao mundo feminino.

16. De seguida, surgem imagens de arquivo do ataque ao Palácio do Governo, com os seguintes destaques gráficos: “2/2/22”; “11 mortos”, “Dezenas de feridos”, “Vários detidos”.

17. A jornalista contextualiza: «Fevereiro deste ano, mais uma instabilidade voltou à Guiné, com uma tentativa de golpe de Estado.»

18. A jornalista visita o Palácio do Governo, acompanhada pelo Porta-Voz do Governo, e tenta recriar o que terá acontecido.

- 19.** É ouvida a ministra dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau. A jornalista esclarece que o Presidente do país não quis prestar declarações.
- 20.** Seguidamente, é divulgado o depoimento de «Paulo Machado. Seminarista em Bissau», que descreve como o Seminário acolheu pessoas que fugiram da tentativa do golpe de Estado.
- 21.** São ouvidas duas cidadãs: «Delma Jamanca. Vítima da tentativa do golpe de estado», que ficou ferida na fuga; e a sua amiga, «Avelina Jandi», que presta apoio e defende: «É preciso o Governo dar mais ajuda. Estamos à espera disso. É verdade que ela precisa de cuidados especiais, e que não há condições para dar.»
- 22.** De novo nas ruas de Bissau, a jornalista relata: «A Guiné é um dos países mais pobres do mundo, as infraestruturas são básicas e frágeis e os orçamentos baixos para as necessidades da população.»
- 23.** A corroborar esta afirmação, surgem as declarações do ministro das Finanças e de dois dirigentes do Hospital Simão Mendes.
- 24.** A jornalista continua: «Bissau é hoje uma cidade tranquila. Os dias de agitação política não contagiam as rotinas do país.»
- 25.** É entrevistada uma portuguesa que, ao fim de 42 anos, regressou a Bissau, país onde tinha nascido e passado a infância. Identificada como «Isabel Silva. Empresária em Bissau», refere que não sentiu absolutamente nada com a tentativa de golpe de Estado, concluindo: «Eu aqui sinto-me muito tranquila, trabalho e muito, mas temos uma vida tranquila. É verdade...»
- 26.** O Embaixador de Portugal na Guiné Bissau corrobora esta ideia: «É um país com uma paz social invejável, não só no contexto aqui da região, da África Ocidente, do continente, mas que não perde nada na comparação com outros países do hemisfério norte, com outras realidades. Eu digo sempre que, em termos de criminalidade, de segurança do património, da segurança física das pessoas, a Guiné-Bissau é um país extremamente seguro.»
- 27.** A reportagem acompanha depois uma missa celebrada num domingo, ouvindo aí duas fontes (padre e catequista).

28. Seguidamente, o primeiro-ministro do país manifesta o seu desejo de «ver os guineenses unidos, à volta do desenvolvimento da Guiné-Bissau. Para que isto aconteça é preciso que haja estabilidade, tranquilidade.»

29. A reportagem termina, com a jornalista a concluir: «Bissau é hoje o que sempre foi ao longo dos últimos anos. Uma cidade efervescente, em movimento. O recente período de agitação foi apenas mais um para quem está habituado a dias de sobressalto. A Guiné é uma espécie de gato com 7 vidas: morre, respira, morre outra vez, respira. O que encontrei foi um país e um povo tranquilo, com esperança e enorme vontade de ter paz. A vida nunca para em Bissau e voltamos todos ao barómetro desta sociedade: o mercado do Bandim.»

30. Esta reportagem foi também divulgada no *site* da CNN Portugal (com a indicação temporal “20 jul 2022, 22:00”), sendo apresentada nos seguintes termos: «Na Guiné-Bissau, o país espera pelas eleições legislativas antecipadas, marcadas para dezembro. Nas ruas da capital, o povo anseia pacientemente por dias melhores e pela continuidade da paz. Depois da última tentativa de golpe de Estado, no início deste ano, o sentimento é agora de calma e de estabilidade. A CNN esteve na Guiné-Bissau, a convite do governo, mas teve toda a liberdade de movimentos e entrevistas. A reportagem é da jornalista Catarina Canelas e João Franco, com edição de imagem de Carlota Paim.»

31. Refira-se que, na reportagem disponibilizada no *site*, não há qualquer oráculo, pelo que as fontes não são identificadas pelo nome e profissão, contrariamente ao que sucede na transmissão televisiva.

b) Análise

32. Delimitando a análise da reportagem às questões suscitadas nas participações, serão objeto de reflexão as seguintes matérias:

- a) O facto de a reportagem ter sido realizada em virtude de um convite dirigido à CNN Portugal por parte do Governo da Guiné-Bissau;
- b) A alegada ausência de contraditório da reportagem;
- c) O equilíbrio e a isenção da reportagem.

33. Quanto ao primeiro ponto, destaque-se que a CNN Portugal é transparente no modo como transmite aos telespetadores que os jornalistas viajaram a convite do Governo da Guiné-Bissau. O pivô, antes de lançar a reportagem, explicita: «A CNN esteve na Guiné-Bissau, refira-se, a convite do Governo.» Também no *site* é feita esta ressalva: «A CNN esteve na Guiné-Bissau, a convite do Governo, mas teve toda a liberdade de movimentos e entrevistas.»

34. Naturalmente, poderá discutir-se a pertinência e a adequação de viajar a convite e expensas de um Governo de um país terceiro.

35. Não se pode ignorar, como destacado por Ana Filipa Oliveira¹, que «são cada vez menos as oportunidades para sair da redacção e produzir conteúdos exclusivo [sic]», uma vez que «os jornalistas estão cada vez mais pressionados e “amarrados” à agenda do dia-a-dia, sobrando-lhes pouco espaço para se dedicarem a temas que requerem tempo e recursos financeiros, como são os temas internacionais.»

36. Assim, os convites a órgãos de comunicação social, nomeadamente para cobrir temas internacionais, podem ser uma oportunidade para colmatar as dificuldades de realizar trabalhos de fundo, colocando na agenda mediática temas que de outro modo não teriam destaque, com ganhos para o pluralismo e a diversidade informativa.

37. Perante um convite para visitar determinado local (país, cidade, fábrica, hotel, etc.), deverá o órgão de comunicação social ponderar sobre o interesse público jornalístico da deslocação e sobre os termos do convite, procurando perceber se conseguirá manter a sua independência face à entidade que dirigiu o convite.

38. Além disso, aceitando o convite, impõe-se um espírito crítico acrescido sobre a “realidade” que é apresentada pela entidade que dirigiu o convite.

39. No caso em apreço, a jornalista, no seu depoimento na ERC, esclareceu que foram à Guiné-Bissau vários jornalistas, de diferentes órgãos de comunicação social, assegurando que «O Governo nunca se meteu, nunca perguntou nada, nunca quiseram saber [...]» Destaca que

¹ <https://mundocritico.org/revista/do-embedded-militar-ao-embedded-humanitario-o-jornalismo-actual-e-as-parcerias-no-terreno-de-reportagem/>

foi «em liberdade total», que não foi manietada e recolheu os testemunhos sem condicionamentos. Defende que tal fica patente no facto de todas as reportagens realizadas pelos jornalistas que viajaram a convite serem diferentes, «pois cada um andou por si.»

40. Ora, é nossa convicção que o convite do Governo da Guiné-Bissau não condicionou as opções tomadas na reportagem, sendo de destacar a forma bastante expressiva como a CNN Portugal realçou a existência do convite, garantindo assim a necessária transparência.

41. Quanto à ausência de contraditório, consideram-se pertinentes os argumentos apresentados pela CNN Portugal e pela jornalista: na reportagem não há nenhuma acusação a pessoas concretas ou a instituições e ninguém é visado na reportagem ou nos depoimentos gravados e exibidos, pelo que não se impunha qualquer contraditório.

42. Questão diferente é saber se a reportagem apresenta um necessário equilíbrio e isenção, ou se, pelo contrário, romantiza a realidade guineense, promovendo uma «higienização da atual situação», nas palavras de um dos participantes.

43. A reportagem é um género jornalístico através do qual o jornalista procura transmitir a «informação e a impressão que colheu em contacto com os acontecimentos que relata. O elemento fundamental na reportagem é este contacto directo do jornalista com o acontecimento, os seus locais, personagens, acções, e a arte da reportagem é saber transmitir através do texto, som ou imagens o que o repórter viu, ouviu, sentiu perante os factos que narra. [...] O repórter [...] é alguém que “empresta” os seus sentidos a outros, que “representa” o público ausente.»²

44. Assim, a reportagem implica, necessariamente, subjetividade, «pois nela é fundamental a impressão do repórter»³.

45. Ora, decorre da audição da jornalista na ERC, que a opção foi apresentar um retrato social de país, ao invés de fazer avaliação política. Para tal, foram ouvidas variadas fontes – que a

² Cfr. Fernando Cascais, *Dicionário de Jornalismo — as palavras dos media*, Editorial Verbo, 2001, páginas 167 e 168.

³ Cfr. op cit., página 168.

jornalista garante que escolheu sem qualquer condicionamento –, em cumprimento do disposto na primeira parte da alínea e) do n.º 1 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista (EJ)⁴.

46. A maioria dos testemunhos apresenta uma visão positiva do país, como é especialmente patente nas declarações da empresária e do embaixador portugueses.

47. Ou seja, o olhar que a jornalista apresenta aos telespectadores é positivo e esperançoso, mas devidamente ancorado nos testemunhos recolhidos e divulgados.

48. Além disso, as imagens e o relato da jornalista mostram também as fragilidades do país e a “precariedade” da estabilidade política, com é realçado, por exemplo, nesta contextualização: «A Guiné é um dos países mais pobres do mundo, as infraestruturas são básicas e frágeis e os orçamentos baixos para as necessidades da população.»

49. Nesta medida, fica garantido o necessário equilíbrio do trabalho jornalístico.

50. Refira-se, por último, que a reportagem que tinha sido exibida dois meses antes, na TVI, teve um enfoque e perspetivas diferentes, não cabendo ao Regulador proceder a uma comparação entre os dois trabalhos jornalísticos.

⁴ Lei n.º 1/99, de 1 de janeiro, na sua versão atual.

V. Deliberação

Apreciadas duas participações sobre a reportagem “Guiné-Bissau: o longo caminho para a paz”, transmitida na CNN Portugal, no dia 20 de julho de 2022, o Conselho Regulador da ERC, no exercício das atribuições e competências de regulação constantes nas alíneas a), d) e f) do artigo 7.º, nas alíneas d) e e) do artigo 8.º, e na alínea a), n.º 3 do artigo 24.º dos Estatutos da ERC, aprovados pela Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, delibera:

- a) Arquivar o procedimento, por considerar que a reportagem respeitou as regras éticas e legais que regem a atividade jornalística;
- b) Recomendar à CNN Portugal que, na reportagem disponibilizada no *site*, sejam inseridos oráculos que permitam a identificação das fontes pelo nome e profissão/cargo, de forma a garantir o rigor da informação.

Lisboa, 15 de fevereiro de 2023

O Conselho Regulador,

Sebastião Póvoas

Francisco Azevedo e Silva

Fátima Resende

João Pedro Figueiredo